



**X Congresso Português de Sociologia**  
*Na era da “pós-verdade”? Esfera pública, cidadania e qualidade da democracia no Portugal contemporâneo*  
Covilhã, 10 a 12 de julho de 2018

**Secção/Área temática:**  
**Migrações, Etnicidade e Racismo**

## **Sobre o regresso de emigrantes portugueses qualificados: diagnóstico de situação atual**

**GÓIS, Pedro;** FE-CES/UC; [pedro.gois@uc.pt](mailto:pedro.gois@uc.pt)  
**MARQUES, José Carlos Laranjo;** IPL - CICS.NOVA; [jose.marques@ipleiria.pt](mailto:jose.marques@ipleiria.pt)  
**PINHO, Filipa;** CES/UC e ISCTE-IUL/CIES-IUL; [filipapinho@ces.uc.pt](mailto:filipapinho@ces.uc.pt)

### **Resumo**

A emigração portuguesa tem-se orientado maioritariamente para destinos europeus e intensificou-se na última década, como resultado do fraco crescimento económico após 2000, do aumento do desemprego e da austeridade.

O abrandamento da crise em 2015, o retorno ao crescimento e acontecimentos como o Brexit ou movimentos anti-imigração em vários países europeus, contribuem para ser expectável um aumento dos movimentos de regresso a Portugal. Podemos, portanto, retomar estudos sobre o regresso de emigrantes.

O estudo “Empreender 2020 – o regresso de uma geração preparada” contribuiu para aferir sobre a situação atual relativamente a retornos de emigrantes portugueses qualificados, nomeadamente expectativas e potencial de promoção do desenvolvimento das regiões de origem.

Nesta comunicação apresentam-se alguns resultados do inquérito de 2017, aplicado a cidadãos de nacionalidade ou naturalidade portuguesa, emigrados, detentores de formação pós-secundária: características sociodemográficas, distribuição geográfica nos países de destino, tempos de permanência, intenções de retorno e motivações para a sua concretização.

Palavras-chave: Emigração portuguesa; migrantes qualificados; regresso; Portugal

XAPS66144



## **Introdução<sup>1</sup>**

Diversos estudos demonstram que entre 20% e 50% de imigrantes deixam o país em que residem cinco anos após chegarem, seja para regressarem a casa, seja para emigrarem para outro país. O país de destino e o período de permanência são as variáveis responsáveis pelos valores que aquele contingente assume, dentro do intervalo indicado (OCDE, 2008). Países como os EUA, o Canadá e a Nova Zelândia são países mais bem-sucedidos a reter imigrantes, em comparação com os países europeus. A Europa, por sua vez, tem sido o continente para onde a emigração portuguesa mais se tem dirigido nos últimos anos (Pires et al., 2017).

A emigração portuguesa teve um forte impulso de saída nos primeiros anos da segunda década de 2000, em resultado do aumento do desemprego e das políticas de austeridade. Agora, é tempo de retomar os estudos sobre o regresso de emigrantes, à semelhança do que se fez nos anos de 1980, uma vez que se conjugam variáveis favoráveis de contexto: o retorno a níveis de crescimento positivo em Portugal, por um lado, e, por outro lado, os movimentos anti-imigração em alguns países europeus, assim como toda a problemática em torno do *Brexit* no Reino Unido, região para onde tem sido significativo o fluxo migratório português. Estes estudos permitirão conhecer as características dos que regressam, as suas experiências e, simultaneamente, contribuir para o desenvolvimento de iniciativas de recuperação de emigrantes ao se tomar conhecimento do potencial de regresso (dos que ainda permanecem fora).

O estudo “Empreender 2020 – Regresso de uma Geração Preparada”, no qual se baseia esta comunicação, teve como objetivos fazer o levantamento de portugueses emigrados no estrangeiro, com competências técnicas e científicas, e avaliar o seu potencial de regresso a Portugal. A apresentação em causa incidiu sobre os resultados do inquérito, disponibilizado *online* entre janeiro e março de 2017, e respondido pelo público-alvo pretendido pelo estudo em que esteve inserido: cidadãos de nacionalidade ou naturalidade portuguesas, emigrados, detentores de um nível de escolaridade pós-secundário ou superior (a partir do nível 4 da classificação internacional normalizada da educação, ISCED), com idades compreendidas entre os 20 e os 49 anos.

O questionário continha três blocos de questões com os seguintes objetivos e temas: caracterização sociodemográfica e trajetória migratória, motivações e cenários de regresso, perfil empreendedor e expectativas de investimento em Portugal. Devido ao constrangimento do tempo de cada comunicação, a opção foi circunscrevê-la à apresentação de resultados respeitantes principalmente à caracterização

sociodemográfica e geográfica dos respondentes, às suas intenções de regresso e às condições necessárias e obstáculos para a sua concretização.

Neste texto começa por ser feito um breve enquadramento teórico sobre o estudo do retorno migratório e suas intenções, é feita a referência à metodologia utilizada, e em seguida apresentam-se os resultados sobre as intenções de regresso e fatores que o facilitam ou que o entram.

### **Breve enquadramento teórico**

Atualmente é consensual que o regresso de migrantes constitui um processo integrante das migrações internacionais, ou seja, emigrar e regressar são dimensões de uma mesma prática de mobilidade internacional. Mas não foi sempre assim e nas teorias clássicas das migrações discute-se o significado do regresso. A dicotomia sobre se é sucesso ou fracasso já estimulou algum debate e, em teorias mais recentes, demonstra-se que o regresso deve ser repensado como um processo dinâmico em que o “vai-e-vem”, as migrações circulares ou as migrações por etapas podem ser consideradas. Algumas contribuições teóricas e analíticas sobre o regresso são centradas na contribuição que os migrantes podem fazer para o desenvolvimento dos países de origem (Ammassari & Black, 2001) e, comparativamente, há menos investigação sobre os fatores individuais e contextuais que explicam os regressos (de Haas, Fokkema & Fibri, 2015: 416).

Tal como no estudo das migrações internacionais, é importante complementar os diversos contributos que sejam úteis em cada estudo particular. Neste breve texto, privilegiamos, contudo, o domínio do estudo das intenções de regresso.

#### *Estudo das intenções de regresso*

Os diversos estudos que se desenvolveram sobre o regresso contribuem, em conjunto, para perspetivar que as explicações sobre o regresso e a análise das suas intenções e motivações devem ter em conta que os migrantes e os regressados não são um grupo homogéneo, os contextos entre os quais se movimentam são diversificados e há fatores estruturais (características políticas e económicas dos países em causa, nomeadamente) que devem ser considerados porque influenciam os migrantes nas suas intenções, decisões e movimentos de regresso. Na realidade, as preocupações que

devem estar presentes nas análises do retorno não diferem muito das que existem no estudo das migrações em geral – conhecer a composição sociodemográfica dos migrantes regressados (ou potenciais), as motivações para o regresso, e perceber se há integração dos migrantes regressados (ou potenciais). O que se distingue é a necessidade de juntar a análise das motivações subjacentes à emigração inicial, pois se se mantiverem as razões que originaram a saída, o regresso dificilmente estará a ser equacionado, a não ser que a integração no país de residência possa não estar a ser conseguida.

São diversos os fatores e as motivações que se sabe influenciarem decisões de regresso e o próprio regresso, ou a permanência. As decisões de migração de retorno são precedidas por intenções (Caro, Fernandez & Valbuena, 2016) que exercem um importante papel nas decisões porque, como sugerem alguns estudos, as intenções estão ligadas com a educação dos indivíduos e com os seus planos de trabalho e de planeamento do futuro que, por sua vez, influenciam os movimentos de migração (Güngör & Tansel, 2014).

Num estudo sobre as intenções de regresso de estudantes estrangeiros nos Estados Unidos da América (Alberts & Hanzen, 2005) os fatores de influência são agrupados em três categorias: fatores profissionais, que incluem razões relacionadas com salários, condições e instalações de trabalho e oportunidades para o desenvolvimento profissional; fatores sociais, nomeadamente o conforto em determinado ambiente social, político e cultural em termos de, por exemplo, padrões de comportamento aceitável, relações de género, etc.; e fatores pessoais, tais como o estatuto familiar, redes de amizade e familiares. Nas conclusões refere-se que todos os estudantes ficariam nos EUA por razões profissionais, mas o conforto sentido no país de origem é um fator que atrai para o regresso. Por outro lado, ter um dos cônjuges, família e amigos no país de origem é um fator de importância forte na motivação para regressar.

Numa revisão mais recente da investigação sobre as intenções de retorno realizada por Caro, Fernandez & Valbuena (2016), também são agrupados em três conjuntos os fatores com influência nas intenções de regresso: características pessoais (a nacionalidade, o sexo, o grupo étnico, o estatuto legal, os anos de permanência); variáveis de laços sociais (como os laços de família ou propriedade de casa no país de destino); variáveis económicas (participação no mercado de trabalho, ter acesso a benefícios da segurança social e o comportamento de envio de remessas) (Caro, Fernandez & Valbuena, 2016: 118). Os autores chamam a atenção para as evidências

de que dentro de cada conjunto não há consenso entre os académicos sobre o poder explicativo das variáveis enunciadas.

Os autores acrescentam que a intenção de regresso difere de acordo com a idade, mas não encontraram estudos empíricos que tivessem feito o exercício do cruzamento do efeito daqueles fatores por grupo etário; referem, ainda assim, que é demonstrado na literatura que os grupos etários mais velhos são mais propensos a regressar mais cedo (Caro, Fernandez & Valbuena, 2016: 119). Constant & Massey (2002) afirmam que os adultos ativos são menos propensos a regressar, do que jovens mais novos. Entre os adultos, encontram-se resultados em que a idade não tem poder explicativo exclusivo: por um lado, a probabilidade de retorno aumenta entre indivíduos de 50 e mais anos, residentes na Suécia; por outro lado, decresce o desejo de retorno em imigrantes com mais de 45 residentes em França (Yahirun, 2014). Em nenhum destes casos se tentou saber como os fatores que influenciam a probabilidade de retorno podem variar com a idade (Yahirun, 2014: 235).

Além do estudo dos fatores que influenciam as intenções de regresso, há trabalhos que se dedicam à diferenciação destas por categorias específicas de migrantes, como estudantes (Güngör & Tansel, 2008) ou migrantes qualificados (Güngör & Tansel, 2014).

## **Metodologia**

A presente comunicação baseia-se nos resultados do inquérito por questionário ao público-alvo do estudo que reside no estrangeiro. Devido ao seu potencial efeito multiplicador, o inquérito foi colocado *online* com o objetivo de alcançar o maior número de inquiridos e abranger os países de residência representativos da emigração portuguesa.

Não são totalmente conhecidas as características do universo de portugueses emigrados no estrangeiro e não há uma base de onde seja possível extrair o conjunto de indivíduos a inquirir. Por essas razões, foi utilizado um procedimento que, ainda que não garantisse a aleatoriedade dos respondentes, permitiria obter dados relevantes e proporcionar uma amostra com a heterogeneidade necessária ao estudo, nomeadamente em termos dos seus países de residência. Neste sentido, procedeu-se à diversificação das fontes de recrutamento e de divulgação do inquérito, de modo a alcançar o máximo possível de indivíduos que satisfizessem os critérios de inclusão na amostra. Apesar de

todos estes cuidados, não é possível afirmar que a amostra obtida é aleatória. Contudo, o número e a heterogeneidade dos respondentes permite afirmar que se trata de uma amostra ilustrativa da emigração portuguesa recente (em particular da sua componente mais qualificada, que constituiu o grupo alvo do estudo).

A estratégia de divulgação do inquérito *online* assentou em quatro tipos de ações. Numa primeira etapa foram enviados e-mails a associações de portugueses residentes no estrangeiro, solicitando que divulgassem o inquérito nas suas páginas de Facebook e/ou que enviassem o seu *link* através de e-mail aos seus associados. Tivemos a preocupação de incluir, entre estas, as associações de profissionais com habilitações superiores residentes nos países com maior emigração portuguesa e/ou com maior número de emigrantes portugueses, precisamente para aceder à população alvo a inquirir. Estão nesta situação associações como a PARSUK (Portuguese Association of Researchers and Students in UK), a AGRAFr (Associação de Graduados Portugueses em França), a ASPPA (Associação de Pós-Graduados Portugueses na Alemanha), A APEI BeLux (Associação Portuguesa de Estudantes e Investigadores na Bélgica e Luxemburgo) ou a PAPS (Portuguese American Post-Graduate Society).

Complementarmente, foram sendo visitadas páginas de Facebook de associações das quais não tínhamos obtido endereços de correio eletrónico e que, de forma impressionista, revelassem acesso a portugueses com habilitações ao nível do pós-secundário; nessas visitas foi sendo pedida a divulgação da hiperligação para o inquérito.

Uma terceira via consistiu na disseminação do inquérito entre as nossas redes pessoais e profissionais, solicitando que fosse remetida a hiperligação do inquérito aos amigos e familiares portugueses/nascidos em Portugal, com habilitações ao nível do pós-secundário, residentes no estrangeiro. Em alguns destes casos também houve colocação da hiperligação do inquérito nas páginas de Facebook pessoais.

A quarta estratégia utilizada foi a disseminação do inquérito a partir de bases de dados de endereços eletrónicos de respondentes em anteriores projetos sobre a recente emigração portuguesa que se tinham disponibilizado para contactos posteriores. Foram enviadas mensagens de correio eletrónico personalizadas com um convite à participação, o que resultou numa elevada taxa de resposta.

Em conjunto, a diversificação das redes sociais e a construção de um grupo diversificado de respondentes permitiram ir ao encontro dos objetivos iniciais de

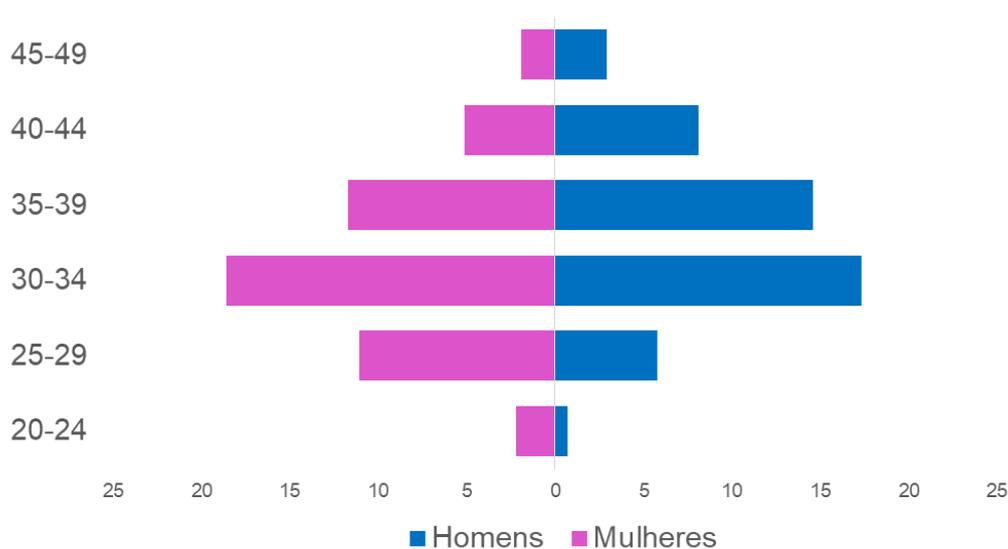
consolidação de uma amostra robusta e capaz de informar o estudo através de uma caracterização da recente emigração jovem e qualificada e dos seus desejos de retorno.

## Resultados

No total, a amostra obtida foi de 1.140 indivíduos. O conjunto dos respondentes é equilibrado em termos sexuais, havendo uma ligeira predominância feminina (51% contra 49% de homens). Mais de metade da população tem até 34 anos e mais de 1/3 da população da amostra tem entre 30 e 34 anos. Embora tivesse havido uma definição prévia do limite etário de respondentes, em virtude do que se conhece da emigração portuguesa mais recente, e das qualificações pretendidas, não houve respondentes com menos de 22 anos e com mais de 49 anos.

Na análise da figura 1, podemos verificar que, por grupo etário, a distribuição por sexo não é tão equilibrada quanto se tomada em conjunto. Nos dois grupos mais jovens há mais mulheres que homens, nos dois grupos mais velhos a situação inverte-se, e nos dois grupos intermédios, há uma distribuição semelhante.

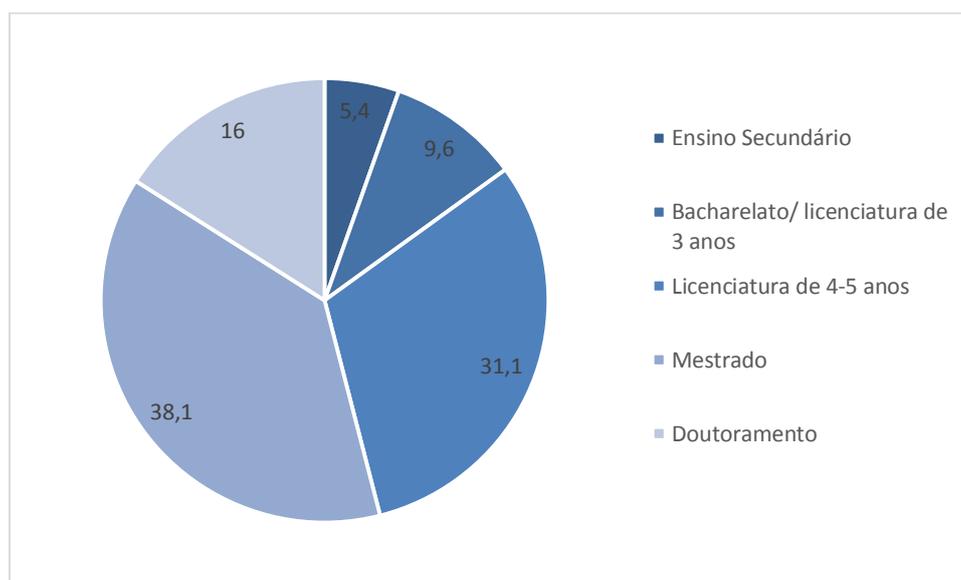
**Figura 1 – Portugueses emigrados respondentes no estudo Empreender 2020, pirâmide etária, % (n=1.140)**



Fonte: Inquérito do estudo Empreender 2020

No que respeita às habilitações, encontra-se uma elevada proporção das habilitações superiores, que perfaz cerca de 95% da população inquirida (figura 2). Os níveis de mestrado e de doutoramento, sozinhos, representam mais de metade da amostra (54%).

**Figura 2 – Portugueses emigrados respondentes no estudo Empreender 2020, por habilitações académicas, % (n = 1.133)**



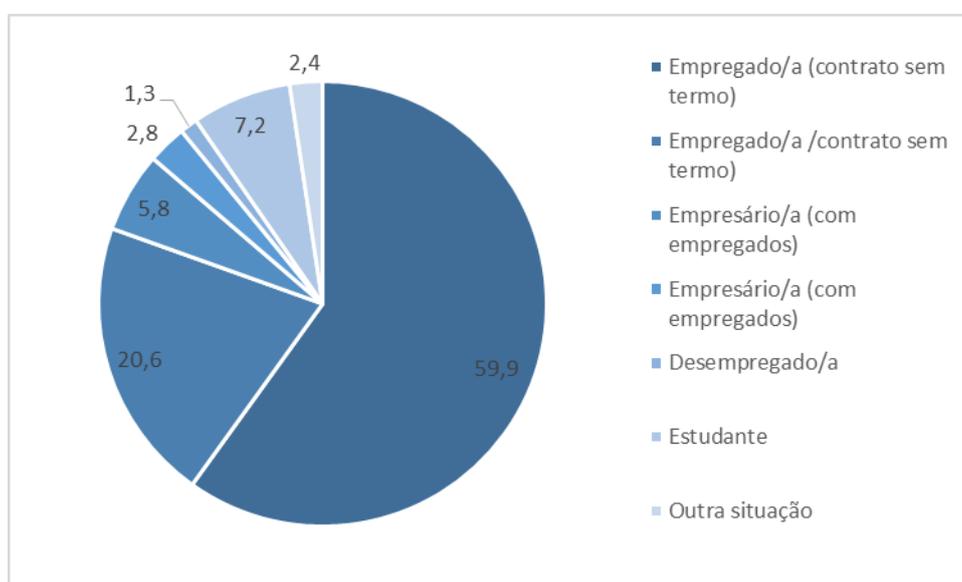
Fonte: Inquérito do estudo Empreender 2020

A título de ilustração, em 1.089 respostas sobre as áreas de formação foram referidas engenharias (15%), a biologia e a bioquímica (10,6%), ciências informáticas (4,9%), arquitetura e construção (4,7%), e economia (4%). O que é possível dizer a este respeito é que se trata de áreas de formação que disponibilizam recursos mais facilmente transferíveis internacionalmente, do que outras do domínio das ciências sociais e humanas, por exemplo.

A maioria dos respondentes, 60%, está empregada, como se observa na figura 3, e com contratos sem termo. Ainda que essa definição possa ter um enquadramento diferente do que acontece em Portugal, nomeadamente porque mercados de trabalho de alguns países europeus onde residem os respondentes são mais flexíveis, aquela dimensão não é menosprezável. Um efetivo de 20% tem contratos de trabalho com termo definido. Este indicador, em conjunto com outros do estudo que não foram apresentados na comunicação, demonstram que, em geral, os inquiridos estão bem integrados no mercado de trabalho dos países em que residem. Esta leitura poderia ser

indicadora quer de uma tendência de que assim pretendem permanecer, como de que pretendem regressar, porque nos vários estudos sobre as intenções de retorno, não há consenso sobre o efeito da integração laboral (no país de acolhimento) nas intenções de regresso. Há trabalhos que afirmam que o mau desempenho no mercado de trabalho, entendido como o insucesso em obter o rendimento pretendido, adia a decisão de regresso, enquanto outros estudos afirmam que a integração e salários melhores atrasam essa decisão (Caro, Fernandez & Valbuena, 2016: 118).

**Figura 3 – Portugueses emigrados respondentes no estudo Empreender 2020, por situação perante o trabalho, % (n = 1.097)**

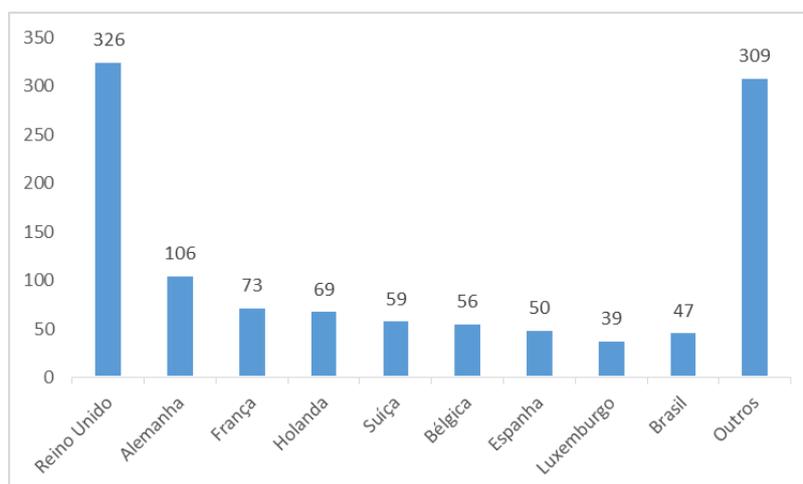


Fonte: Inquérito do estudo Empreender 2020

Saber em que países os respondentes residem, é fundamental para poder ter o enquadramento estrutural e conjuntural das intenções de regresso. Os principais países de residência dos respondentes (com percentagem de representação acima de 3%) são nove e não correspondem exatamente à mesma distribuição de países onde existem mais portugueses emigrados, o que se deverá ao facto de o inquérito ter tido uma divulgação através de fontes muito variadas, não sendo previsível o tipo de adesão ao seu preenchimento. No topo da lista, conforme pode ser visto na figura 4, está o Reino Unido, com cerca de 28% da amostra aí a residir. Segue-se a Alemanha, França, Suíça, países de emigração atual ou com mais portugueses emigrados. Outros países listados e com menos representação, e, portanto, fora da representação gráfica individualizada

(incluídos em “outros”), estão, por exemplo, os Estados Unidos da América (2,9%) ou o Canadá (aqui, com 1% de representação).

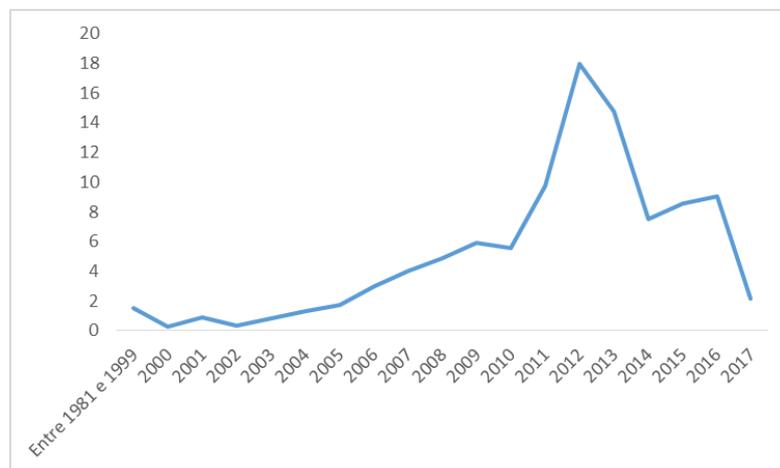
**Figura 4 – Portugueses emigrados respondentes no estudo Empreender 2020, por países de residência, % (n = 1.134)**



Fonte: Inquérito do estudo Empreender 2020

Cerca de 60% dos emigrados estava emigrado desde 2012 (ver figura 5), portanto, se recordado o pressuposto inicial de que uma parte significativa de emigrantes retorna nos primeiros 5 anos, o maior potencial de regresso situa-se aqui. Cerca de 1/3 dos respondentes reside nos países indicados há mais de seis anos, mas há menos de 11 anos.

**Figura 5 – Portugueses emigrados respondentes no estudo Empreender 2020, por anos de chegada aos países de residência, % (n = 1.117)**

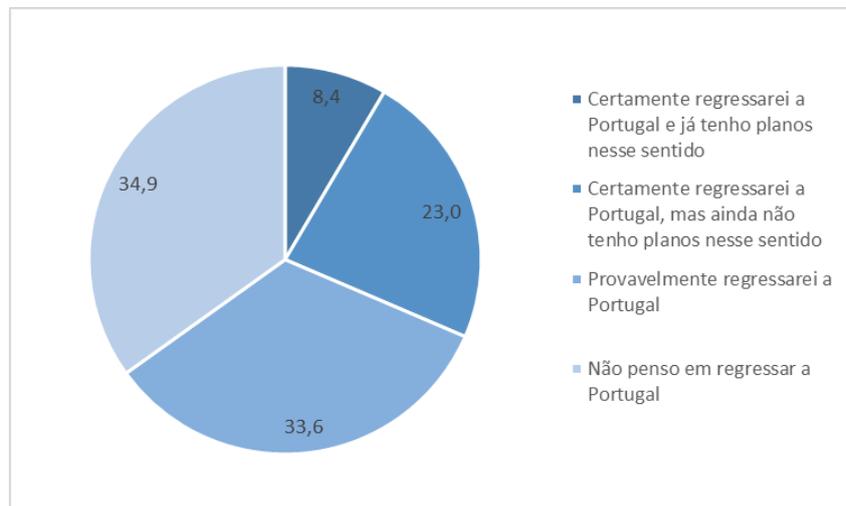


Fonte: Inquérito do estudo Empreender 2020

Quando inquiridos sobre o regresso, a resposta com mais peso no conjunto é a de que não pensa regressar a Portugal, com cerca de 35%, embora não muito distante esteja a de que provavelmente regressará, com cerca de 34%. Com 23%, a resposta de que certamente retornará, mas não tem ainda planos nesse sentido. A resposta com menos adesão é a de que “certamente regressa e já tem planos nesse sentido”, pois essa opção teve apenas 8,4% de respostas.

Em suma, mais de metade dos inquiridos coloca a hipótese de regressar a Portugal, ainda que seja variado o grau de certeza. Apenas pouco mais de 1/3 rejeita pensar em regressar a Portugal. Permanecemos ao nível do estudo das intenções e não esquecemos outras questões que se colocam nos processos de decisão. O regresso ou a permanência, e as intenções que lhe estão subjacentes, são projetos que vão sendo reconstruídos. Como reconhecem Carling e colaboradores (Carling et al., 2015, p. 11), “as considerações dos migrantes sobre o regresso são tipicamente ambivalentes. Elas alteram-se ao longo do tempo e, frequentemente, têm pouco a ver com os planos de regresso efetivos”.

**Figura 6 – Portugueses emigrados respondentes no estudo Empreender 2020, por intenção relativamente ao regresso, % (n = 1.102)**



Fonte: Inquérito do estudo Empreender 2020

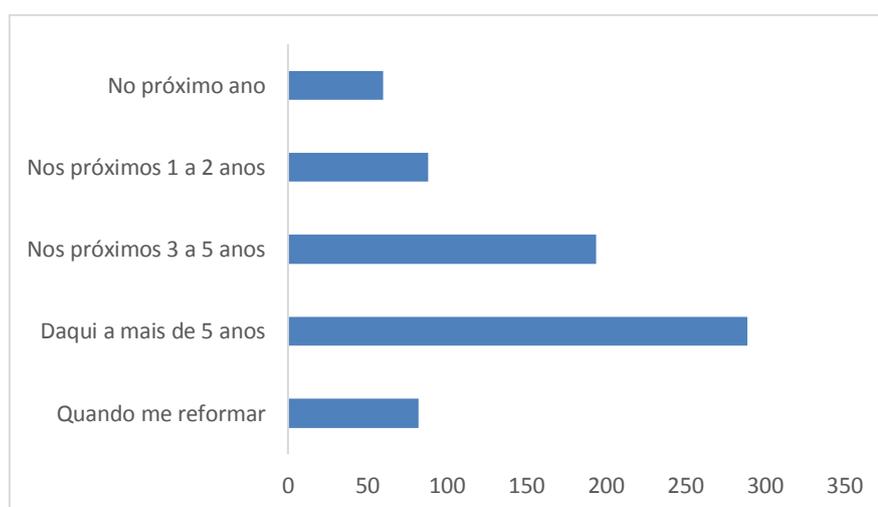
Nas respostas obtidas quanto ao período previsível para o regresso (N=713), a tendência mais assinalável é a de que o regresso não se apresenta como uma opção imediata, uma vez que 289 (40,5%) respondentes referem que apenas regressarão daqui a mais de cinco anos (figura 7). Cerca de 1/3 (27,2%) dos respondentes optam pela

resposta de que pretendem regressar daqui a mais de três anos e menos de cinco anos. A possibilidade que granjeia menos adesão é a de um regresso imediato (já no ano seguinte), pois apenas 60 o referiram, o que é menos de 10%. O conjunto das respostas que adiam o regresso permite-nos aferir que uma parte importante dos inquiridos está a dizer-nos que não está preparada para regressar, nomeadamente em termos de recursos e de vontade (Cassarino, 2004, p. 271).

A perspetiva de que é necessária preparação para regressar permite pensar no movimento de regresso como um processo de mobilização de recursos que requer tempo. Ou seja, os migrantes podem manifestar o seu desejo de regressar, como aqui se verifica, sem que estejam preparados para tal, na medida em que a tomada de decisão e o regresso dependem de condições micro localizadas e individuais e de condições que se situam ao nível estrutural nas sociedades de origem e de destino, assim como de relações que se estabelecem e estabeleceram entre estas e o migrante (Cassarino, 2004, p. 272).

Por outro lado, se associarmos o regresso ao período da reforma, como já aconteceu noutros períodos da emigração portuguesa, já se conseguirá explicar esse adiamento. Nomeadamente porque a nossa amostra ainda se encontra em plena idade ativa (e em atividade). Como exemplo, refira-se: a OCDE estimou a proporção de emigrantes portugueses que regressaram a Portugal entre 1995 e 2001 e identificou um grande aumento dessa proporção no grupo etário entre os 50 e os 55 anos (OCDE, 2008, p. 176).

**Figura 7 – Portugueses emigrados respondentes no estudo Empreender 2020, que pretendem regressar, por período estimado para o regresso, n= 713**



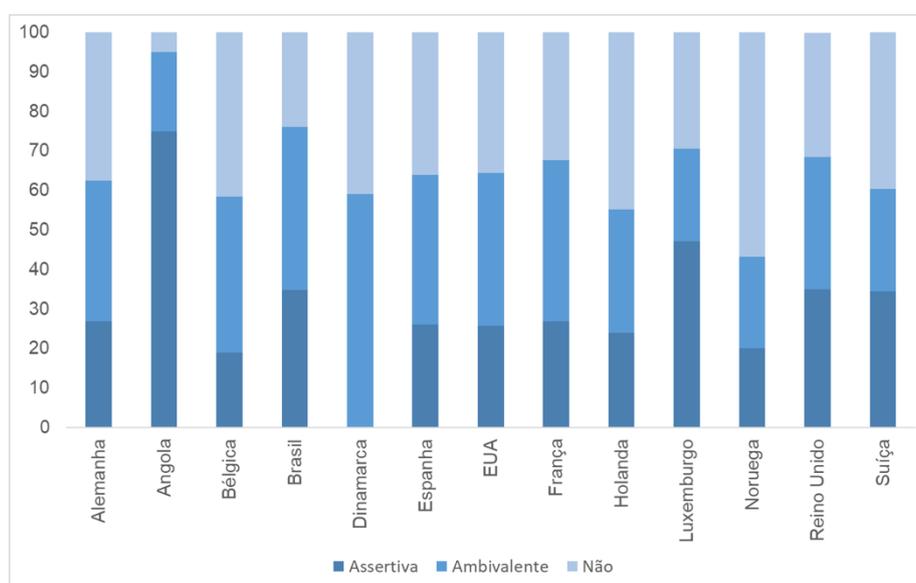
Fonte: Inquérito do estudo Empreender 2020

Analisamos, agora, as intenções de regresso seguindo a tipologia de desejos de regresso de Moran-Taylor & Menjívar (2005) constituída por “assertivo”, “ambivalente” e “não” (quando não existe desejo de regresso). Para tal, recodificámos: a opção de resposta “certamente irei regressar...” (agregando as vertentes de ter, ou não, já planos para tal) como desejo “assertivo” de regresso; a opção de resposta “provavelmente irei regressar” como “ambivalente”; e a opção “não pensa regressar” como “não” (tendo desejo de regressar).

Com esta tipologia, fazemos a análise das intenções de regresso por país de residência, admitindo que esta indicará algumas pistas no que respeita às condições estruturais e conjunturais dos países em causa (figura 8). Numa primeira análise, há mais países em que as respostas se dividem pelas três opções, do que outras situações. Numa análise mais fina, encontramos detalhes interessantes a destacar, e exceções à tendência geral.

Entre os respondentes de Angola há uma representação elevada de respondentes que assertivamente pretendem regressar (75%) e uma proporção muito baixa de quem não tem vontade de regressar (5%). Tal poderá explicar-se com as dificuldades atuais de transferência de divisas para Portugal e com os problemas de pagamentos a empresas portuguesas a operar no país. Estes constrangimentos tornam mais complexa a permanência de emigrantes que tenham ligações com Portugal, em especial famílias nucleares separadas pela migração. Daí que não seja surpreendente aquela distribuição.

**Figura 8 – Portugueses emigrados respondentes no estudo Empreender 2020, por intenção relativamente ao regresso e país de residência, % (n = 1.099)**



Fonte: Inquérito do estudo Empreender 2020

No outro polo, o país de residência com maior proporção de inquiridos que não pretendem regressar é a Noruega (56,7%). Outro país nórdico, a Dinamarca, tem uma menor proporção de quem rejeita a intenção de regressar, mas também elevada (40,9%). Neste caso, não há respondentes que pretendam regressar, havendo uma proporção mais elevada de posições ambivalentes a esse respeito.

Outros países de residência de emigrantes com proporção elevada (entre 35% e 45%) que não pretendem regressar são a Holanda (44,8%), a Bélgica (41,5%), a Suíça (39,7%) e a Alemanha (37,5%). São países que combinam emigração histórica com emigração recente, o que se traduzirá em alguma heterogeneidade na envolvente familiar dos migrantes (eventuais casamentos com autóctones, filhos já nascidos no país, etc.) e uma maior tendência relativa para o regresso ser menos colocado no horizonte.

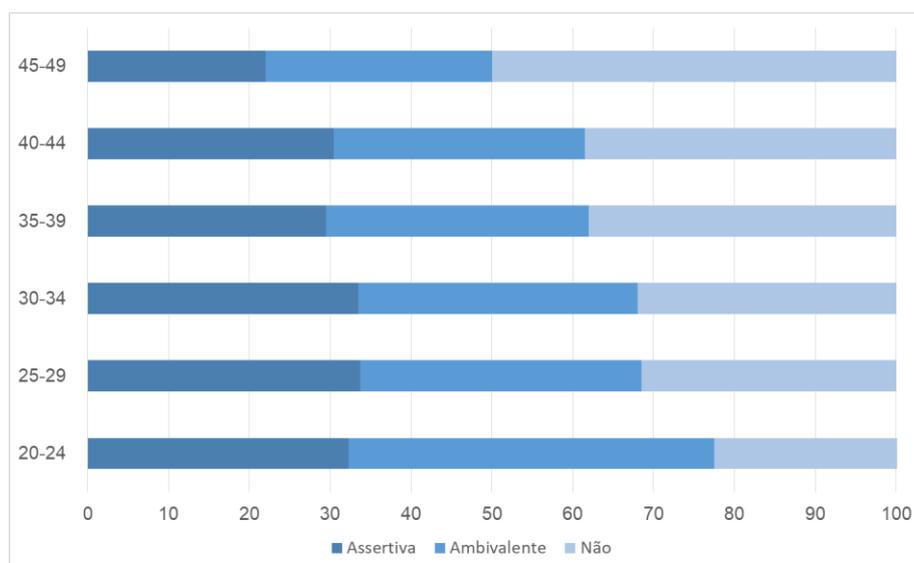
Os inquiridos residentes em países como França, Estados Unidos ou Espanha, têm uma distribuição semelhante e equilibrada pelas três modalidades da tipologia. Entre quem respondeu e reside no Luxemburgo há uma proporção elevada de pretensão assertiva de regressar e, comparando com quem reside no Reino Unido, apenas se nota uma maior proporção de opiniões de ambivalência entre estes últimos. Os debates sobre a imigração que atravessam estes países, e mais diretamente a situação do *Brexit* no Reino Unido, poderão contribuir para estas opiniões.

Quanto à variação das intenções de regresso por grupo etário, reparamos que, com o aumento da idade, os respondentes inclinam-se para não intencionar regressar a Portugal (ver figura 9). No conjunto dos inquiridos com idades compreendidas entre os 20 e os 24 anos, apenas 22,6% referem não pretender regressar; entre os 45 e os 49 anos, mais do dobro (50%) refere não ter intenção de voltar a Portugal. Esta diferença parece dever-se a uma maior proporção de ambivalentes entre os inquiridos mais novos (45,2% entre os 20 e os 24 anos) do que no grupo entre os 45 e os 49 anos (em que são apenas 28%). Os mais jovens (até aos 34 anos) apresentam, assim, uma maior expectativa de regresso ao país, do que os grupos etários mais velhos.

Apesar de estes indicadores parecerem indicar a existência de uma relação entre a intenção de regresso e a idade, não é possível afirmar que exista uma correlação forte ou, mesmo, moderada, entre os diferentes projetos migratórios futuros e a idade (o coeficiente de correlação de Spearman aponta para a existência de uma relação fraca entre ambas as variáveis, ainda que estatisticamente significativa:  $r_s = 0,080$ ;  $p < 0,01$ ).

A relação entre a idade e a intenção de retorno foi revista por autores que indicam haver uma propensão maior para o regresso entre os mais novos e os mais velhos (Caro, Fernandez & Valbuena, 2016: 119). No caso dos inquiridos no âmbito do projeto Empreender 2020, a idade por si só não parece ser suficiente para explicar uma maior ou menor propensão para regressar, exigindo que se pense noutras variáveis como a duração da migração, a etapa do ciclo de vida, do ciclo de migração e da trajetória profissional, em conjunto com fatores estruturais do país de residência e o contexto da sociedade portuguesa. Para demonstrar este cruzamento, refira-se que Jensen & Petersen (2007, citados em OCDE, 2008, p. 175), estimam que a probabilidade de deixar o país (Dinamarca) desce nos primeiros 15 anos de residência, e depois cresce, refletindo o ciclo de vida dos migrantes e a propensão para regressar na reforma.

**Figura 9 – Portugueses emigrados respondentes no estudo Empreender 2020, por intenção relativamente ao regresso e grupo etário, % (n = 1.102)**

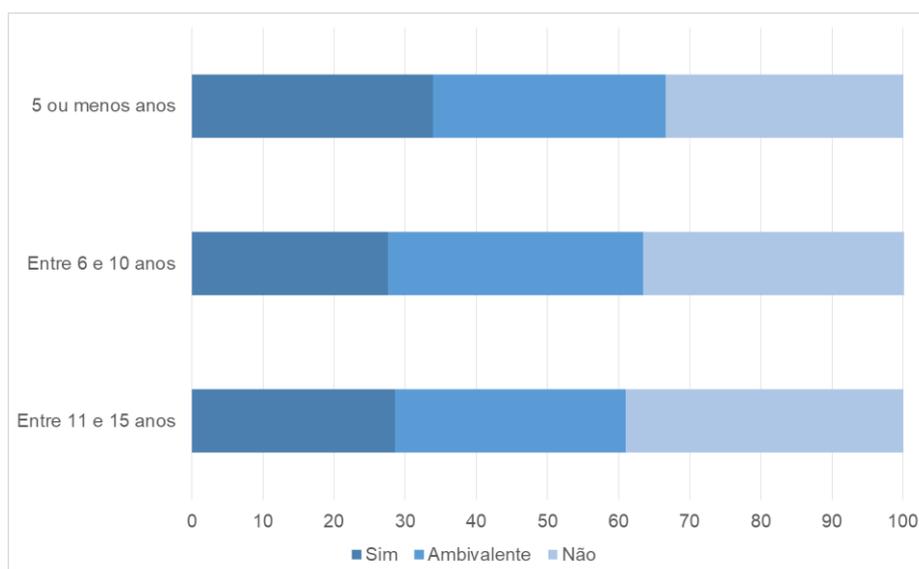


Fonte: Inquérito do estudo Empreender 2020

No caso em análise é possível notar que as intenções de regresso variam de acordo com o tempo de permanência que os inquiridos passaram no país de residência. Confirma-se a tendência, já assinalada noutros estudos, de que a intenção de regresso tem um peso maior entre quem reside fora há menos tempo. A assertividade de 33,9% entre os que estão há menos tempo (há cinco anos, ou menos), é superior aos 28,6% de assertividade entre os que estão no país de residência há um período entre os 11 e os 15

anos. A proporção de ambivalentes é semelhante nestes dois grupos e só é ligeiramente superior no grupo intermédio. E, como seria de esperar pelo que se disse, a percentagem dos que não pretendem regressar aumenta na mesma direção que o período de permanência fora de Portugal.

**Figura 10 – Portugueses emigrados respondentes no estudo Empreender 2020, por intenção relativamente ao regresso e tempo de permanência, % (n = 1.087)**



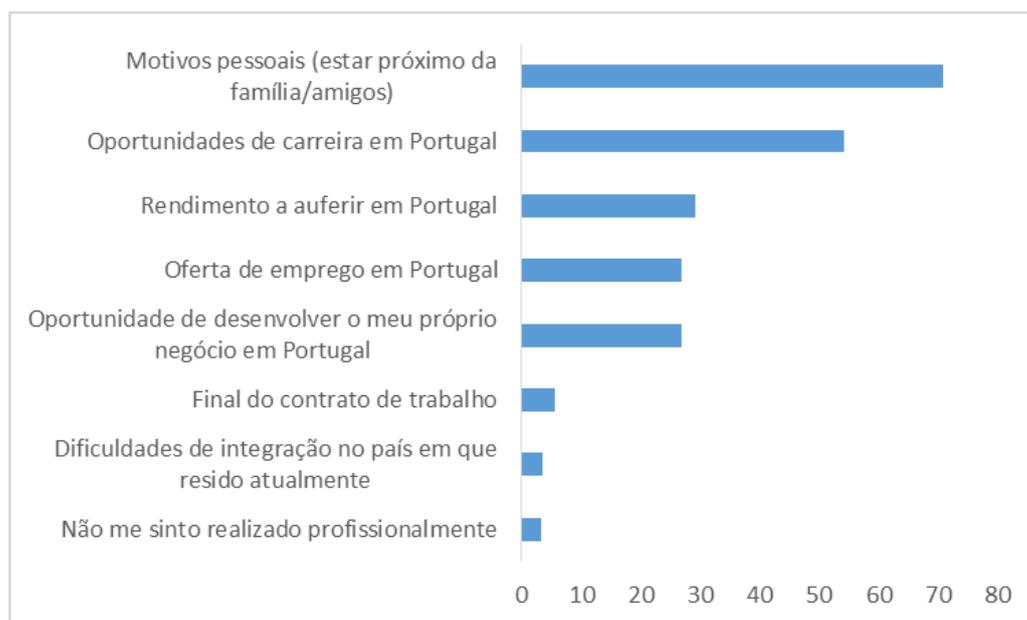
Fonte: Inquérito do estudo Empreender 2020

Os fatores que têm influência no regresso foram perguntados em possibilidade de escolha múltipla (ver figura 11). Para quem respondeu, são fatores de ordem pessoal os que mais influenciam/influenciarão o regresso a Portugal, como o “estar próximo de família e amigos”; cerca de 71% dos inquiridos selecionou esta resposta, é também a que se encontra no topo da lista. A ligação ao país de origem já foi demonstrada como um dos fatores de influência para o regresso, nomeadamente aí ter ficado o cônjuge ou filhos (Amaro, 1985; Constant & Massey, 2002).

Mais de metade (54,3%) dos emigrantes que responderam identificam um fator de ordem profissional, as “oportunidades de carreira”, como tendo influência no regresso. Com importância profissional, mas também pessoal, porque afeta a forma como se organiza a vida, situa-se o terceiro fator mais selecionado como influente para o regresso, com cerca de 29%, o “rendimento a auferir em Portugal”. Com valores muito semelhantes, com cerca de 27% de peso nas respostas, o fator de “oferta de emprego em Portugal” e o da “oportunidade de desenvolver o meu próprio negócio em Portugal”.

Havendo um número tão importante de emigrantes que, na amostra, referiram ter uma situação estável no país em que reside, a opção acerca do final do contrato de trabalho ser um fator de influência para o regresso não foi, talvez por isso, muito selecionada (5,7%).

**Figura 11 – Portugueses emigrados respondentes no estudo Empreender 2020, por principais fatores de influência para o regresso, % (n = 2.362 – pergunta de resposta múltipla)**



Fonte: Inquérito do estudo Empreender 2020

Os fatores que, pelo contrário, funcionam como impedimentos ao regresso, aproximam-se, de forma muito expressiva, dos motivos pelos quais os emigrantes saíram: situam-se num nível macro e integram-se nos domínios da profissão e da economia do país. O fator mais escolhido é o de “poucas oportunidades de carreira”, (57,8%) e, em seguida, com cerca de 52%, também um fator macroestrutural “baixos salários na minha profissão”. Em terceiro lugar, com 41,5% de peso, o facto de haver “poucas oportunidades de emprego na minha área de experiência”. Com quase 40%, a “instabilidade económica” (figura 12).

**Figura 12 – Portugueses emigrados respondentes no estudo Empreender 2020, por principais fatores que influenciam o não regresso, % (n = 1.786 – pergunta de resposta múltipla)**



Fonte: Inquérito do estudo Empreender 2020

### Nota final

Sabendo que se trata de uma amostra qualificada e que existe uma percentagem relativamente importante (31,4%) de intenções de regresso assertivas, o facto de os fatores com mais expressão ao nível do impedimento ao regresso corresponderem quase diretamente ao que os emigrantes indicam como principais razões para sair, elucidada sobre o adiamento do regresso para um período em que, na perceção dos emigrantes, já não fossem limitadas as oportunidades de carreira, os baixos salários já não fossem uma realidade tão premente, houvesse mais oportunidades de emprego e a economia estivesse mais estável. Dada a expressão destes resultados parciais, e o conjunto dos restantes que ficaram de fora desta comunicação, podemos dizer que uma conjuntura e condições estruturais favoráveis para atrair os emigrados qualificados para o regresso serão efetivamente necessárias, como refere Thomas-Hope (1999), para o regresso se colocar como um cenário de vida futura, em especial aos que saíram há menos tempo de Portugal e não estejam ainda na idade de reforma. Nestas se incluem estratégias de recuperação que passam por melhores salários, oportunidades de carreira e oportunidades de investimento.

## Referências bibliográficas

- Alberts, H. C., Hazen H. D. (2005). “There are always two voices...”: International students’ intentions to stay in the United States or Return to their home countries. *International Migration*, 43(3), 132-154.
- Amaro, R.R. (1985). Ei-los que voltam: problemas e desafios do regresso dos emigrantes. *Revista Crítica de Ciências Sociais* (15/16/17), 351-373.
- Ammassari, S., Black. R. (2001) Harnessing the Potential of Migration and Return to Promote Development. Applying Concepts to West Africa. *IOM Migration Research Series*, 5. Genebra: International Organization for Migration.
- Carling, J., Bolognani, M., Erdal, M. B., Ezzati, R. T., Oeppen, Ceri, Paasche, E., Petterson, S. V., Sagmo, T. H. (2015). *Possibilities and Realities of Return Migration*. Oslo, Norway: Peace Research Institute Oslo.
- Caro, R., Fernandez, M. & Valbuena, C. (2016). Predicting return intentions in Madrid. *Migration Letters*, 13(1), 116-130.
- Cassarino, J.-P. (2004). Theorising Return Migration: The Conceptual Approach to Return Migrants Revisited. *International Journal on Multicultural Studies*, 6(2), 162-188.
- Constant, A. Massey & D. S. (2002), “Return migration German guestworkers: neoclassical versus new economic theories”, *International Migration*, 40(4), pp 6-38.
- De Haas, H., T. Fokkema, M. & Fihri, F. (2015). Return migration as failure or success? The determinants of return migration intentions among Moroccan migrants in Europe, *Journal of International Migration and Integration*, 16(2), 415-429.
- Güngör, N. D. & Tansel, A. (2008). Brain drain from Turkey: an investigation of students’ return intentions. *Applied Economics*, 40(23), 3069-3087.
- Güngör, N. D. & Tansel, Aysit (2014), Brain Drain from Turkey: Return Intentions of Skilled Migrants, *International Migration*, 52(5), 208-226.
- Moran-Taylor, M. & Menjívar, Cecilia (2005). Unpacking longings to return: Guatemalans and Salvadorans in Phoenix, Arizona. *International Migration*, 43(4), 92-121.
- OCDE (2008). *International Migration Outlook: SOPEMI 2008*, Paris, França: OCDE.
- Pires, R.P., Pereira, C., Azevedo, J., Vidigal, Inês & Veiga, C. M. (2017). *Emigração Portuguesa. Relatório Estatístico 2017*. Observatório da Emigração e Rede Migra, CIES-IUL, ISCTE-IUL. DOI: 10.15847/CIESOEMRE042017.
- Thomas-Hope, E. (1999). Return migration to Jamaica and its development potential. *International Migration*, 32(1), 183-207.

Os autores/as do texto escrevem seguindo as normas do novo acordo ortográfico.

---

<sup>i</sup> O texto das atas, incidente sobre as intenções de regresso, foi preparado no âmbito do projeto Expectativas e Experiências de Regresso dos novos Emigrantes Portugueses, Referência PTDC/SOC-SOC/28730/2017.